

Comunidades cristãs: eco da voz de Jesus

Christian communities: echo of Jesus's voice

*Edécio Ottaviani**
*Edi Gomes Ferreira***

Resumo: Este artigo é um exercício de reflexão em Teologia Prática, a partir das interpelações da Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* (GE) do Papa Francisco a respeito do chamado à santidade, e do trabalho de pesquisa sobre o chamado de Paulo a caminho de Damasco e sua experiência com as primeiras comunidades cristãs. Estabelece uma relação com relatos atuais de homossexuais ou transexuais que desejam viver os valores evangélicos, mas que se sentem perseguidos em sua condição. O objetivo deste artigo é suscitar uma reflexão sobre a experiência paulina que, ao perseguir as comunidades cristãs, em nome de um ideal de vida religioso, ouve a voz de Jesus que diz: “Saul, Saul por que me persegues?” (At 9, 4). Ele aplica a *epoché*, própria ao método fenomenológico, para deixar vir à luz e chegar aos nossos ouvidos o grito muitas vezes abafado de pessoas que procuram viver

* Doutor em Filosofia pela Universidade Católica de Louvain (1996) e mestre em Teologia pela PUCSP (2013). Atua no Programa de Estudos Pós-graduados da PUCSP e exerce o cargo de Reitor do Centro Universitário Assunção – UNIFAI.

** Bacharel em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e pelo Seminário Teológico Batista do Sudeste do Brasil, mestrando em Teologia pela PUCSP/2018.

os valores cristãos e um caminho de santidade sem negar sua própria condição. Estes se fazem reverberar na voz de Jesus e clamam: “por que nos perseguem?” Suspendendo estrategicamente as tábuas de valores pré-estabelecidas, este artigo deseja mostrar as razões teológico-pastorais que pressupõem, na aplicação do “princípio misericórdia” (Cf. GE, 46), a escuta dessas vozes.

Palavras-chave: Chamado; Saulo; Comunidades Cristãs; valores cristãos; comunidade LGBT

Abstract: This article is an exercise of reflection in Practical Theology, from the interpellations of the Apostolic Exhortation *Gaudete et Exsultate* (GE) of Pope Francis on the call to holiness, and from the research work about the call of Paul on the way to Damascus and his experience with the early Christian communities. It establishes a relationship with current reports of homosexuals or transsexuals who wish to live the gospel values, but who feel persecuted in their condition. The purpose of this article is to stimulate a reflection on the Pauline experience which, in pursuing Christian communities in the name of an ideal of religious life, hears the voice of Jesus who says: "Saul, Saul why do you persecute me?" (Acts 9, 4). It applies epoché, proper to the phenomenological method, to let come to light and to our ears the often muted cry of people who seek to live the Christian values and a way of sanctity without denying their own condition. These are reverberated in the voice of Jesus and cry, "Why do you persecute us?" Strategically suspending the tables of pre-established values, this work wishes to show the theological-pastoral reasons that presuppose, in applying the "mercy principle" (cf. GE, 46), listening to these voices.

Keywords: Called; Saul; Christian Communities; Christian values; LGBT community

1. Introdução

Partindo das reflexões do Papa Francisco sobre o chamado à santidade na Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* e dos elementos de uma pesquisa de mestrado, este artigo, num primeiro momento, analisa a conversão do Apóstolo Paulo em sua relação com a experiência do chamado à santidade das primeiras comunidades cristãs, descrita pelo evangelista Lucas em Atos do Apóstolos. Num segundo momento, compara essa experiência àquelas narradas por homossexuais ou transexuais que, sem negar sua condição, se veem perseguidos ou excluídos por não se enquadrarem nas normas e códigos religiosos de nossas comunidades, muito embora procurem pautar suas vidas na vivência do evangelho.

2. *Gaudete et Exsultate*: sobre o chamado à santidade no mundo atual

Concluída em 19 de março, festa em que toda a Igreja Católica homenageia o pai putativo de Jesus, São José, a exortação apostólica *Gaudete et Exsultate* (GE)¹ emerge num contexto de polarizações políticas e religiosas que tendem a obnubilar toda tentativa de discernimento. Como diz França Miranda, já virou lugar comum caracterizar este nosso tempo não como uma época de mudanças, mas como uma mudança de época, “devido às profundas e diversificadas transformações socioculturais que experimentamos”². A exortação apostólica de Francisco propõe pensar o chamado à santidade nesse novo contexto, lançando mão de sua sólida experiência pastoral como arcebispo de Buenos Aires, dos escritos de seus antecessores e de vários homens e mulheres reverenciados por sua santidade ao

¹ PAPA FRANCISCO. *Gaudete et Exsultate*. Disponível em: <https://acolhimento.files.wordpress.com/2018/04/exortac3a7c3a3o-apc3b3stolica-gaudete-et-exsultate.pdf>. Acesso em 22 de abril de 2018.

² MIRANDA, França. Evangelizar ou Humanizar? *Revista Eclesiástica Brasileira*, ano 74, n. 295, jul./set de 2014, p. 519.

longo da tradição, bem como dos pronunciamentos de quatro Conferências Episcopais, oriundas de quatro continentes (África, América, Ásia e Oceania).

De espírito colegial, o documento é composto de 5 capítulos: o primeiro trata do chamado à santidade para o homem e mulher contemporâneos; o segundo dos dois inimigos subtis da santidade (o gnosticismo e o pelagianismo atuais); o terceiro, trata da santidade, à luz das bem-aventuranças anunciadas pelo Mestre; o quarto, apresenta algumas características da santidade no mundo atual; e último, da relação entre luta, vigilância e discernimento inerentes a um caminho de santidade. Iniciando pelas palavras *Gaudete et Exsultate*, concluindo as “bem-aventuranças” anunciadas por Jesus (Cf. Mt 5, 12), o documento é apresentado não como tratado sobre santidade com muitas definições e distinções, mas como um “humilde” chamado à santidade encarnado no contexto atual, “com seus riscos, desafios e oportunidades”. O primeiro capítulo — ao reconhecer a “nuvem de testemunhas” (Hb 12, 1), formada pela fé exemplar dos antepassados a nos incitar a não nos determos no caminho de salvação e a continuar a correr para a meta (*GE*, 3) — menciona os sinais de santidade presentes na vida de fé e de caridade dos membros mais humildes do povo paciente de Deus (*GE*, 7), como nos lembra a Constituição dogmática *Lumen Gentium*, do Concílio Vaticano II (*LG*, 12 APUD *GE*, 8). Francisco recorda que “todos os fiéis, seja qual for sua condição ou estado, são chamados pelo Senhor à perfeição do Pai, cada um por seu caminho” (*LG*, 11 APUD *GE*, 11). Francisco exorta que cada crente discirna o seu próprio caminho e traga à luz o melhor de si mesmo, procurando não se esgotar a imitar algo que não foi pensado para ele, pois há muitas formas existenciais de testemunho (Cf. *GE*, 11).

À luz dessas palavras e tendo em mente as interpelações tantas vezes ouvidas em nossa prática pastoral, apresentamos a seguinte questão: haveria então a possibilidade de um caminho de santidade para aquele ou aquela que vive a condição homossexual ou transexual? Sem querer causar polêmica, ousamos pensar como os ouvidos sensíveis à musicalidade evangélica, e que se encontram nessa condição, irão acolher essa exortação. Seria uma palavra dirigida também a eles ou algo para eles descartado de antemão? Haveria espaço para a santidade em

suas vidas, salvo negando uma parte essencial de si mesmos? E negando-a, não estariam também negando a afirmação de que todos os fiéis, seja qual for a sua condição ou estado, são chamados à perfeição do Pai? Diz assim o Papa Francisco: “És uma consagrada ou um consagrado? Sê santo, vivendo com alegria a tua doação. Estás casado? Sê santo, amando e cuidando do teu marido ou da tua esposa, como Cristo fez com a Igreja. És um trabalhador? Sê santo, cumprindo com honestidade e competência o teu trabalho a serviço dos irmãos” (*GE*, 14). Nessa linha de raciocínio, não poderíamos dizer: “És homossexual? Sê santo! És transexual? Sê santo!?” Não haveria ainda mais razão para pensar a gravidade dessas palavras quando as dirigimos não a uma condição passível de escolha (ser ou não ser consagrado, casado ou trabalhador), mas a pessoas cujo estado está intimamente, senão essencialmente, ligado à sua condição existencial?

Francisco, no final desse capítulo, lembrando a experiência de Santa Josefina Bakhita, escravizada e vendida como escrava aos sete anos de idade, convida a não ter medo da santidade, a não abrir mão nem da vida e nem da alegria (Cf. *GE*, 32) diante desse chamado. No caso citado, poderia alguém continuar a ser feliz quando sente que uma parte de si, sem a qual não se é quem efetivamente julga ser, passa a ser vilipendiada, insultada? Procurando jogar uma luz nova sobre o chamado à santidade, no capítulo II, Francisco alerta para dois inimigos sutis de um caminho de santificação: o gnosticismo e o pelagianismo atuais. No tocante ao segundo, Francisco lembra que seus adeptos se caracterizam pela obsessão pela lei, pelo fascínio em exhibir conquistas sociais e políticas e pela ostentação no cuidado da liturgia, por exemplo, fazendo da vida da Igreja uma peça de museu ou uma propriedade de poucos (Cf. *GE*, 58). Como remédio contra esse mal, Francisco lembra a hierarquia das virtudes, cujo primado pertence às virtudes teologais, recordando que dentre as três (fé, esperança e caridade), a caridade é a maior delas (*GE*, 60). Em relação ao primeiro, ele alerta para a tendência da pessoa a se fechar numa série de raciocínios e conhecimentos que a enclausuram na imanência de sua própria razão ou de seus sentimentos (Cf. *GE*, n. 36), afastando-as da realidade e das formas concretas de santidade. Como diz Francisco, “ao longo da História da Igreja, ficou bem claro que aquilo que mede a

perfeição das pessoas é seu grau de caridade e não a quantidade de dados e conhecimentos que possam acumular” (*GE*, 37). Francisco lembra os limites da razão e o ilegítimo controle rigoroso sobre a vida dos outros, além de se referir às diferentes e legítimas maneiras de interpretar muitos aspectos da doutrina e da vida cristã, presentes na tradição da Igreja (Cf. *GE*, 43). Ao reproduzir a mensagem-vídeo dirigida ao Congresso Internacional de Teologia da Pontifícia Universidade Católica Argentina (UCA), ocorrido de 1 a 3 de setembro de 2015, ele afirma: “[a nossa compreensão da doutrina] não é um sistema fechado, privado de dinâmicas próprias capazes de gerar perguntas, dúvidas, questões (...); e perguntas do nosso povo, as suas angústias, batalhas, sonhos e preocupações possuem um valor hermenêutico que não podemos ignorar, se quisermos deveras levar a sério o princípio da encarnação. As suas perguntas ajudam-nos a questionar-nos, as suas questões interrogam-nos” (APUD *GE*, 44).

O próximo tópico, lançando mão dessa hermenêutica, procurará analisar o sentido do *chamado* na tradição vetero e neotestamentária, bem como o chamamento (*Klésis*) de Saulo em meio à perseguição do conjunto daqueles que foram chamados (*Klétoi*) por Cristo e que constituem as primeiras comunidades cristãs (*Ekklésia*).

3. O chamado à santidade nas primeiras comunidades cristãs e sua interpelação na vida de Saulo, o fariseu

Na história veterotestamentária, pessoas que falavam em nome de Deus se apresentavam como portadores da mensagem divina aos povos. Comumente, tais pessoas eram gente comum: criadores de gado, agricultores, mas que se diziam chamados por Deus para executar uma ação específica a respeito de Sua vontade e em favor da comunidade. Na história neotestamentária não é diferente. Pode-se notar diversas pessoas chamadas por Jesus Cristo para a formação de comunidades que vivem sua palavra, se relacionam com Ele e falam em nome dEle, como o será o caso do futuro apóstolo Paulo.

Ao comentar a Carta aos Romanos, particularmente o sentido das dez primeiras palavras contidas no primeiro versículo (*Paulos doulos christou Iesoú kletós aphorisménos Apóstolos eis euaggélion theou*)³, Giorgio Agamben (1942), filósofo italiano contemporâneo, atrai nossa atenção sobre o significado do termo *kletós*, atribuído a si mesmo por Paulo, e que tem sua origem no verbo *kaléo* (chamar). Agamben diz que esse termo se encontra também na carta aos Coríntios e adquire um sentido técnico essencial para a definição paulina da vida messiânica. Nessa carta, ao falar sobre a vocação a que cada um é chamado por Deus, o apóstolo diz: “*ekastos en tei klései héi ekléthe, en tautéi menéto*”⁴. Por um estudo profundo dessa passagem, ele termina por mostrar relação intrínseca entre *Klétos* (chamado), *Klésis* (chamamento) e *Ekklésia*. Para Agamben, *Klésis* “indica a peculiar transformação que todo estado jurídico e toda condição mundana sofrem pelo fato de serem colocados em relação com o evento messiânico”⁵. No contexto das primeiras comunidades cristãs, trata-se da mutação de uma condição mundana singular em virtude do fato de ser “chamado”. Há de se ater aqui ao termo “mutação”, que não significa a mudança no sentido de adquirir um determinado modelo apresentado pela conjuntura social, mas uma verdadeira nulificação: “Foi alguém chamado à fé quando circunciso, não dissimule sua circuncisão. Foi alguém incircunciso chamado à fé? Não se faça circuncidar. A circuncisão nada é, e a incircuncisão nada é. O que vale, é a observância dos mandamentos de Deus. Permaneça cada um na condição em que se encontrava quando foi chamado por Deus” (1 Cor 7, 18).

Ao relacionar o evento messiânico ao *usus pauper* franciscano, o filósofo atenta para a vocação (chamamento) que revoga toda concreta vocação factícia (estado em que se encontra), isto é, não faz do seu estado um problema e nem se apega a ele com todos os seus condicionamentos. Antes, ultrapassa-o. Os que são chamados à vida evangélica não se atêm às coisas, mas dela fazem uso. Para Agamben, “a vocação messiânica não é um direito nem constitui uma identidade:

³ “Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, escolhido para anunciar o evangelho de Deus” (Rm 1,1).

⁴ “Cada um permaneça no chamamento no qual foi chamado” (AGAMBEN, Giorgio. *O Tempo que resta*, p. 33).

⁵ *Ibidem*, p. 36.

é uma potência genérica de que se usa sem jamais ser seu titular”. Ser messiânico, viver no messias significa desapropriação, na forma do *como não*. Diante do tempo que resta, “aqueles que têm esposa, sejam como se não a tivessem; aqueles que choram, como se não chorassem; (...) aqueles que compram, como se não possuíssem”. Para Agamben, a *Ekklésia*, a comunidade messiânica é o conjunto das *kléseis*, das vocações messiânicas que agem dessa forma; que recusam o *dominium*. A *klésis* factícia, posta na relação consigo mesma, na vocação messiânica não é substituída por outra, mas é na verdade tornada inoperante. É o caso do *usus pauper* de Francisco de Assis que, pela *altíssima paupertas*, cria um espaço que escapava à tomada do poder e das suas leis, não entrando em conflito com elas, mas simplesmente tornando-as inoperantes⁶.

No caso da homossexualidade ou da transexualidade vividas na prática da caridade, não operariam elas a mesma nulificação, colocando a condição homossexual ou transexual não sob a égide dos códigos e normas que estabelecem o que é normal ou anormal⁷, mas sob os ditos de Jesus contidos na passagem de Mateus: “tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me acolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes ver-me” (Mt 25, 35-36)? Ao comentar o versículo paulino contido em 2 Cor 12, 10b: “quando sou fraco, então sou potente”, Agamben diz que a inversão messiânica (fraco/potente) se relaciona à compreensão aristotélica de ato e potência⁸: “como a potência messiânica se realiza e age na forma de fraqueza, ela tem efeito sobre a esfera da lei e das suas obras não simplesmente negando-as ou aniquilando-as, mas desativando-as, tornando-as inoperantes, não-mais-em-obra”⁹. No caso dos homossexuais ou transexuais que passam a reger suas vidas

⁶ Cf. AGAMBEN, Giorgio. O tempo que resta, p. 41. Cf. Idem. Altíssima pobreza: regras monásticas e formas de vida. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 97-146.

⁷ Neste caso não estabelecemos a distinção normal/anormal como natural/contra-natureza para identificar um ou outro caso. Normal e anormal aqui tem a ver com códigos e regimes normativos que estabelecem o que é bom ou mau, verdadeiro ou falso.

⁸ “Algo parece ser potente, às vezes porque possui alguma coisa, outras vezes porque é privado de alguma coisa”. ARISTÓTELES. *Metafísica*, 1019b, 9-10. V. II. Texto grego com tradução ao lado. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2002, p. 227-229.

⁹ AGAMBEN, Giorgio. O tempo que resta, p. 115.

pela prática da caridade, poderíamos dizer que há uma desativação dos códigos morais normativos, que condenam sua condição *a priori*, e ao mesmo tempo a ativação do cumprimento da lei (Cf. Mt 22, 34-40): Amar a Deus sobre todas as coisas [Cf. Lv 6, 4] e o próximo como a si mesmo [Cf. Lv 19, 18b]. Nesse caso, somos convidados a vê-los não mais sob a ótica do “normal/anormal”, identificados pelos regimes de verdade com suas normas e prescrições, mas pela ótica da caridade evangélica.

3.1. O chamado de Paulo e sua relação com as Comunidades Cristãs do Primeiro Século

Em *Atos dos Apóstolos*, Lucas, ao narrar o martírio de Estevão (At 7, 51-8, 1a), mostra como a palavra corajosa deste fiel discípulo de Jesus atraiu a ira dos anciãos e escribas, reunidos no Sinédrio. Estevão faz uma retrospectiva da história da Salvação até mostrar a grandeza de Deus, que transcende as paredes do Templo, sendo continuamente aviltada pelas autoridades de Israel. Ele acusa seus detratores de fecharam os ouvidos às palavras dos profetas movidos pelo Espírito Santo e de matarem o Justo enviado por Deus (Cf. At 7, 51-52). Lucas associa o julgamento de Estevão ao de Jesus, condenado injustamente pelo Sinédrio, e põe em evidência sua fé ao mostrar os olhos fitos aos céus, contemplando Jesus à direita da Glória de Deus, bem como sua confiança na esperança da ressurreição, ao entregar seu espírito antes de ser apedrejado até a morte. Dentre as testemunhas de seu martírio, encontrava-se o jovem Saulo, aos pés do qual os algozes de Estevão depõem seu manto (v. 58b). Apesar de Lucas precisar que Saulo aprovasse sua morte, não está de todo afastada a impressão do que esta entrega possa ter causado em seu coração. Toda a narrativa aproxima o julgamento e o martírio do diácono ao julgamento e morte de Jesus. Esta cena se apresenta como um prelúdio à aproximação que Lucas também fará entre a voz de Jesus e a voz das primeiras comunidades cristãs, perseguidas pelos escribas e fariseus, e que o jovem Saulo ouvirá de forma arrebatadora no caminho de Damasco.

Seguindo o paralelo operado por Lucas, que associa o julgamento de Estevão ao de Jesus e as palavras de entrega de Estevão às últimas palavras proferidas pelo Nazareno na cruz, não é de todo improvável que Lucas tenha desejado também associar a voz do Cristo à voz dos chamados a praticar os ensinamentos dos apóstolos, por meio da caridade fraterna e da oração, angariando a simpatia de todo o povo (At 2, 42). Com poder de atração, diz Lucas, essas comunidades cresciam dia após dia (*Ibidem*, v. 47). A fração do pão nas casas, memorial da paixão de Jesus, O tornava presente no meio do povo assim como sinais operados por Ele (Cf. At 4, 16): os coxos e os paralíticos andavam (Cf. At 3, 1-10; 9, 32-35), os mortos voltavam à vida (Cf. At 4, 36-42). As comunidades exalavam a caridade e os milagres que eram realizados em nome de Jesus se multiplicavam (Cf. At 9, 32). Nesse sentido, que tipo de autoridade implícita ou explícita emanava dessas comunidades cristãs? Ao ouvir a voz: “Saul, Saul, por que me persegues?”, não teria o discípulo de Gamaliel ouvido o próprio Jesus presente nessas comunidades? Não seria a voz de Jesus a reverberar a voz dos cristãos perseguidos: “Saulo, Saulo por que nos persegue?”

As narrativas da experiência de Paulo na estrada de Damasco, que se encontram em Gálatas 1; Filipenses 3 e Atos 9,3-19; 22,6-16; e 26,12-18, nos permitem ver que este judeu, deveras zeloso pelo cumprimento da Lei mosaica, se chamava Saulo e se tornara um grande perseguidor dos discípulos de Jesus, os quais, mesmo tendo aderido aos ensinamentos do mestre de Nazaré, continuavam a frequentar a sinagoga. Saulo havia sido cuidadosamente preparado para viver de forma íntegra os ensinamentos da Lei e, em nome dessa “integridade”, se sentiu no dever de perseguir e fazer voltar ao cumprimento da Torá aqueles que dela se “desviaram”. Ao invés destes interpelarem Saulo a respeito da razão de tal perseguição, em meio a uma luz vinda do céu, uma voz se faz ouvir. A cena de Lucas é dramática ao mostrar que Saulo não está só nessa empreitada e, portanto, que não se trata de uma ilusão auditiva nem visual, haja vista que existem testemunhas. Os que estão com ele também a ouvem, mas não veem ninguém. Não lhe resta alternativa senão perguntar por essa voz que agrega e se coloca no lugar das dezenas de vozes que se inquietam por causa da perseguição. Por vir do alto em meio à luz,

ele indaga a potência divina: “Quem és Senhor?” E num átimo vem a resposta: “Eu sou Jesus, a quem tu persegues” (Cf. At 9, 5). O evangelista Mateus também registrará essa tendência do Senhor Jesus em se colocar no lugar dos que sofrem:

Quando o Filho do Homem vier em sua glória, e todos os anjos com ele, então se assentará no trono da glória. (...). Então dirá o rei aos que estiverem à sua direita: Vinde benditos de Pai, recebei por herança o Reino preparado para vós desde a fundação do mundo. Pois tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me acolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes ver-me. (...). Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um desses meus mais pequeninos, a mim o fizestes (Mt 25, 31. 34-36. 40).

Entretanto, em sua perseguição aos desviados, Saulo é cercado por um resplendor de luz do céu que desencadeia um processo de conversão. Everts diz que o evento na estrada de Damasco teria sido rico demais para se enquadrar em alguma categoria, o que poderia supor que o que aconteceu na vida de Saulo tornado Paulo, se enquadraria no âmbito de uma vocação e também de uma conversão¹⁰. Élcio Bernardino Correia, por sua vez, situa o chamado e ministério de Paulo na linha da experiência dos profetas Isaías (Cf. Is 6,8) e Jeremias (Cf. Jr 1,4)¹¹. Todos os três “ouvem” a voz do Senhor. Sem querer diminuir a experiência mística de Paulo, atestada por ele como um acontecimento crucial em sua vida, desejamos manter os paralelos operados por Lucas que nos abre a possibilidade de fazermos a associação entre a voz de Jesus e a voz da comunidade dos chamados (*Ekklésia*). É o que mostraremos a seguir.

3.2 Paulo: de perseguidor a apóstolo de Jesus Cristo

As comunidades perseguidas de Cristo não se encaixavam no modelo institucional judaico vivido por Saulo. As características novas de uma vida em

¹⁰ EVERTS, J.M. Conversão e Vocação de Paulo. In: *Dicionário de Paulo e Suas Cartas*, p 265.

¹¹ Cf. CORREIA, Élcio Bernardino. O chamado e ministério de Paulo, seguindo os passos dos profetas de Israel. *Revista de Cultura Teológica*, ano XXIV, n. 87, jan./jun 2016, p. 140-160.

Cristo provocavam no fariseu de Tarso uma motivação pessoal para, em princípio, combater e corrigir, mas também para preparar os ouvidos que viriam a escutar, na estrada de Damasco, a voz do Nazareno. Se forem autênticas as cenas narradas por Lucas, é impossível que Saulo não ficasse tocado pelas preces e palavras de Estevão, assim como não deveria ficar imune às práticas das primeiras comunidades cristãs. Se vagava por Jerusalém, seus ouvidos também não seriam insensíveis ao que diziam sobre elas, posto que gozavam da simpatia de todo o povo e o número dos que a elas aderiam aumentava a cada dia (Cf. At 2, 47). Esse encontro com o Senhor, tomando as dores e reverberando as vozes dos membros das primeiras comunidades, muda suas prerrogativas e conceitos a respeito de tudo o que o jovem fariseu aprendera e vivera até aquele momento.

Na narrativa de At 9, 1-18, Saulo é o eleito da luz celestial. Diferentemente de seus companheiros, que também ouviram a voz, mas não são atingidos pelo facho de luz, Saulo cai por terra, assim como o cego que não vê o buraco sob seus pés. Simbolicamente a cegueira de Saulo diz respeito à perda de seus referenciais religiosos judaicos. As suas certezas e valores ficam em suspenso. Saulo prostra-se diante do Senhor de forma involuntária. A partir da cegueira, Saulo o perseguidor, se torna aquele que precisa ser conduzido pelas mãos de seus companheiros. Caminha no escuro, apesar de sua clareza anterior e determinação interior que o fizeram seguir em direção às comunidades do Caminho, permanecendo três dias sem ver, sem comer e sem beber (Cf. At 9,9). Quais seriam então os sentimentos de Saulo agora cego?

José Saramago (1922-2010), o escritor português, em seu *Ensaio sobre a cegueira*, relata os sentimentos daqueles que viam e por um fenômeno inusitado passaram a não mais enxergar¹². Em determinado momento, relata como o motorista no semáforo, desamparado no meio da rua e não sentindo o chão debaixo de seus pés, implorava: “Por favor, alguém que me leve para casa!”, Saramago relata a aflição subindo pela garganta e a agitação das mãos pelo seu rosto, ao abrir a boca para gritar por socorro; narra a sensação do motorista, após conseguir alguém que o levasse até sua casa, e sua total impotência ao quebrar um vaso de

¹² SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a Cegueira*. 21ª ed. Porto: Porto Editora, 2014. Formato e-book.

flores e ser espetado por um pedaço de vidro: “tornou a lacrimejar de dor, de abandono, como uma criança, cego de brancura no meio duma casa (sua casa) que, com o declinar da tarde, já começava a escurecer”¹³. Não seria este o sentimento de Saulo na estrada para Damasco: dor, abandono e falta de referências? A experiência do oftalmologista de Saramago é ainda mais interessante por nos oferecer alguns elementos que poderiam ser associados à sensação provocada em Saulo por causa da cegueira. Por entender de visão e olhos, notamos a ironia no fato daquele que levava os outros a enxergar, dizer-se diante do espelho: “*não vejo nada!*”¹⁴. Saulo – como o motorista no semáforo ao sentir o chão faltar a seus pés – talvez tivesse ensaiado um grito de socorro ou chegara a pensar, como o oftalmologista, o que faria de agora em diante e qual a razão das cartas trazidas nas mãos! Sabemos que, em decorrência de suas convicções religiosas, ele acreditava radicalmente na importância de sua missão: resgatar as pessoas que estavam no Caminho e tentar demovê-las de suas ideias. Mas, agora, o que faria de suas metas e convicções?

Na estrada de Damasco, até mesmo sem se dar conta do que estava por vir, Saulo é feito *klétos* (chamado) pelo Cristo ressurreto. A Ananias o Senhor ordena: “...vai, porque este homem é para mim um instrumento de escol para levar o meu nome diante das nações pagãs, dos reis e dos israelitas” (At 9, 15). Saulo passará a chamar-se Paulo de forma a se deixar conduzir até às comunidades as quais perseguia, para que destas pudesse ter apoio e acolhida para seu ministério que se desenvolveria a partir dali (Cf. At 9, 26-28).

Se a tradição judaica representada por Saulo em Atos 9, durante o evento em Damasco até o episódio de sua cegueira, forem entendidas à luz dos argumentos de Husserl com respeito à atitude natural, podemos dizer que a cegueira paulina se configura como uma espécie *epoché* (epoché)¹⁵ em relação

¹³ *Ibidem*, p. 5.

¹⁴ *Ibidem*, p. 18.

¹⁵ Husserl Atitude Natural: Husserl chama a concepção do senso comum de atitude natural à qual opõe a atitude fenomenológica, segundo a qual o mundo é nada mais do que o que ele é para a consciência, ou seja, fenômeno. *Epoché*: Husserl coloca entre parênteses a existência do mundo, não para duvidar

aos excluídos da igreja institucional. Ela permite que as antigas referências sejam suspensas e que as vozes antes reprimidas venham à luz e se façam ouvir. Aplicamos nos casos estudados o método fenomenológico, inspirado em Husserl e aplicado à teologia prática, para olhar o fenômeno do chamado à santidade por uma perspectiva holística, que recusa de antemão os pressupostos do sujeito a abordar o objeto em questão, com o intuito de encontrar a autenticidade das experiências dos homossexuais ou dos transexuais chamados a vivenciar os valores evangélicos e os elementos de unicidade que os caracteriza.

Marcel Viau nos lembra que esse processo consiste em explicitar a experiência vivida tal qual ela se manifesta no fenômeno, antes mesmo que possamos lhe impor um sentido ontológico¹⁶. Eis o porquê importa para a fenomenologia de colocar em parênteses todo o saber preconcebido a respeito de seu objeto de pesquisa. Trata-se de um processo rigoroso que visa alcançar a essência do fenômeno estudado, ao fazer uma investigação sistemática da subjetividade, quer dizer, dos conteúdos da consciência daqueles que são escutados para explorar a estrutura invariante de uma experiência dada pelo jogo de muitas “variações imaginárias”¹⁷. Assim, ao realizar um paralelo entre as antigas comunidades cristãs e as comunidades que tem entre seus membros pessoas da chamada comunidade LGBT¹⁸, e ao aplicar o método fenomenológico, que permite progressivamente se elevar a diferentes níveis de generalidade até que a “estrutura essencial” pode aparecer e ser suficientemente validada, é possível fazermos uma releitura de Atos 9, à luz de Husserl e Saramago, suspendendo por um momento nossos juízos de valores para ouvir as narrativas daqueles que continuamente nos interpelam gritando: “por que nos perseguem?”

de sua existência, mas suspender apenas o juízo em relação a esta existência. A essa suspensão de juízo designou-a com o termo *epoché*, já usado pelos céticos pirônicos gregos para significar a suspensão ou abstenção de qualquer assentimento por não reconhecerem razões suficientes para eliminar a incerteza.

HUSSERL, Edmund. *A Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia*. EDIPUCRS, 2ª edição 2002, p. 23.

¹⁶ Cf. VIAU, Marcel. *La méthode Empirique en Théologie Pratique*. In: ROUTHIER, Gilles; VIAU, Marcel. *Précis de Théologie Pratique*. Deuxième Édition augmentée. Lumen Vitae: Bruxelles; Novalis: Montréal; L'Atelier: Ivry-sur-Sene, 2007, p. 92.

¹⁷ Cf. *Ibidem*.

¹⁸ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.

O próximo tópico procurará associar a experiência paulina àqueles que se sentem desorientados e cegados em suas convicções, ao procurarem seguir a lógica de nossa argumentação, oferecendo-lhes uma fundamentação que possibilite um deslocamento de sua perspectiva e a possibilidade de pensar o problema a partir de outra visão.

4. Comunidades Cristãs que ecoam a voz de Jesus

Bruce Malina, ao analisar a dimensão social do evangelho de Jesus e ao lançar mão do *insight* medieval, diz que “proceder dedutivamente do possível para o atual é inválido”¹⁹, pois só porque alguma coisa é possível não significa realmente que ela exista ou existiu. Por outro lado, diz ele, “proceder do que existe para o que pode ter existido é logicamente válido. Se algo que existe hoje parece ser idêntico com o antigo, as possibilidades são altas que eles partilhem função e significado similares”²⁰. Partimos desse pressuposto para dizer que a experiência da interpelação das vozes presentes nas narrativas atuais—atendendo a um chamado à santidade (*Ekklesia*) e dirigidas àqueles que as perseguem em nome de uma normatividade religiosa — e associadas à voz de Jesus no caminho de Damasco é logicamente válida. Transportar para hoje a experiência de Paulo é mais difícil do que pensar que as vozes que gritam hoje, dirigindo-se a nós em nome de Cristo, possam também ter sido dirigidas a Paulo ao longo daquele caminho. Faz-se então necessário que se abra um espaço neste texto para que elas possam se manifestar, externando sua experiência com o Cristo e com suas respectivas comunidades²¹:

Ao ser entrevistado, Fernando, homossexual assumido, que cresceu na Igreja Católica e ingressou no caminho do ministério, mas não concluiu seu curso e, conseqüentemente, não pôde ser ordenado, fala da acolhida que pessoas em sua

¹⁹MALINA, Bruce. *O Evangelho Social de Jesus*. Tradução de Luiz Alessandro Solano Rossi. São Paulo: Paulus, 2004, p. 18.

²⁰*Ibidem*.

²¹Todas as narrativas gravadas são espontâneas e de caráter sigiloso, isto é, usamos aqui nomes fictícios. Todas as entrevistas foram gravadas com consentimento dos participantes.

condição recebem nas comunidades cristãs: *“a acolhida da igreja é pontual e não institucional, sendo a igreja uma das partes que promovem a perseguição, pois entende que as experiências vividas pelos homossexuais e transexuais são passíveis de exorcismo”*. Mais adiante no relato ele acrescenta: *“vivemos Cristo pela metade, somos menos dignos de Cristo”*. E a respeito da igreja, ele afirma: *“[...] a igreja está desconectada do povo [...]. As pessoas deveriam ser acolhidas, pois a nossa experiência religiosa é dolorida. Se sou a imagem e semelhança de Deus, então Deus é gay, é negro, é mulher, é índio”*.

Bruna, homossexual assumida, teve que sair de casa, pois, segundo ela *“meu pai sendo religioso, me expulsou de casa e tentou me matar, porque dizia que isso não era de Deus, então vamos fazer um processo de libertação”*. Segundo ela, mesmo com todo o trabalho de *“libertação”*, diz ela *“aquilo era mais forte do que eu, porque aquilo era eu”*. Saiu definitivamente da igreja, mas afirma nunca ter perdido sua fé em Jesus.

Sabrina, transexual afirma: *“[...] eu vivi 29 anos me culpando e pedindo para Deus tirar isso de mim e Deus não tirou porque não tinha o que tirar, por isso tentei me matar por três vezes”*. Cresceu ouvindo que pessoas LGBT’s estavam condenadas ao fogo eterno por não atenderem ao que a Bíblia dizia.

Carol emocionada afirma que tentou suicídio por vezes e por fim resolveu se aceitar como é, mas e a questão da fé? *“fui excluída da comunhão da igreja por possuir “trejeitos”, até que depois de magoada, resolvi sair definitivamente da igreja”*.

Magali, de família cristã chegou a se casar com um rapaz da igreja *“O Brasil para Cristo”*, mas na lua de mel acabaram se separando, vindo ela a assumir sua homossexualidade meses depois, o que chocou toda a comunidade e sua família. Teve que mudar de Estado e por fim conheceu sua parceira. Ela diz: *“Não me acho diferente em minha fé do que a fé de toda a comunidade e minha família, mas em minha comunidade não tenho voz”*.

Marcos, de 50 anos, e Pedro, de 41, estão casados há muitos anos. No início foi difícil para Pedro, pois sua família é muito católica e não aceitava o relacionamento. Marcos já o havia assumido até mesmo diante de seus funcionários. Quanto à fé, por se sentirem excluídos da Igreja católica, resolveram se afastar das

práticas religiosas comunitárias, mantendo, no entanto, um oratório em seu apartamento. Há quase dois anos resolveram participar do projeto de apadrinhamento afetivo que visa oferecer um referencial familiar a crianças que já não estão mais em idade ou que não respondem ao perfil majoritário de adoção (branco (a), recém-nascido (a) ou de até dois ou três anos). Lucas, pardo e de 11 anos, num primeiro momento, foi adotado afetivamente mediante a parceria entre uma Instituição de Ensino Católica (IES) e o Fórum X. Há quase um ano conseguiram a guarda com finalidade de adoção, formando uma verdadeira família. Aguardam a adoção definitiva para batizar o Lucas na Igreja católica. Sentem que nela começa a haver uma abertura, ainda que muito pequena, à sua condição. A fé para eles é muito importante e querem educar o filho segundo os valores cristãos.

Destes relatos podemos colher alguns elementos que apontam para uma unicidade essencial. Alguns deles são de pessoas que assumem uma conduta homossexual, identificando-se com seu gênero sexual e se sentido atraído ou atraída por pessoas na mesma condição. Outros são de pessoas identificando-se com o gênero sexual oposto, pois sua cabeça não se enquadra ao gênero ligado ao seu órgão sexual, assumindo pela aplicação de hormônios características do outro gênero, ainda que não passando necessariamente pela Cirurgia de Reatribuição Sexual (*Sex Reassignment Surgery - SRS*, em inglês) e não aceitando, por conseguinte, a caracterização de homossexual, por se sentirem atraídas ou atraídos por pessoas de outro gênero que não aquele que se encontra em sua cabeça.

Independente da condição, esses relatos apontam para: a) um sentimento de exclusão (sofreram rejeição ou mesmo foram expulsos de sua família ou comunidade religiosa); b) todos apresentam, de certa forma, certo grau de sofrimento existencial; c) não querem ou não conseguem ir contra sua inclinação, embora alguns ou algumas tenham tentado ceder à pressão social e assumir as características e sentimentos atribuídos ao órgão sexual; d) têm sentimento religioso e gostariam de pertencer a uma comunidade religiosa cristã e se sentirem aceitos como são; e) cultivam valores como amor ao próximo, altruísmo, honestidade, vontade de constituir ou pertencer a uma família.

5. Conclusão

Como contemplar as atitudes de líderes que expulsam seus próprios filhos e filhas de casa, por se identificarem com o sexo oposto ou se sentirem atraídos ou atraídas por pessoas do mesmo sexo? Como olhar para aqueles e aquelas que se sentem culpados por anos a fio, pelo fato de serem acusados de serem pessoas radicadas no “pecado”, sem que lhes seja apresentada a possibilidade de iniciar um caminho de santificação nas comunidades cristãs contemporâneas? O que dizer daqueles que chegaram a pensar em tirar suas próprias vidas, por não se encaixarem em algum modelo de conduta cristã? Será que existem para eles somente as duas possibilidades aqui estudadas: ou mudar a conduta, alinhando-se a um padrão determinado, ou separar-se definitivamente de um processo de santificação por não poderem viver fora de sua condição, sem a qual não seriam mais quem são?

Saulo poderia muito bem provar, baseado em suas convicções de fé, que as comunidades do Cristo estavam desalinhadas da fé no Deus de Israel. Assim como, pinçando um ou outro versículo da Bíblia, poderíamos fundamentar toda incongruência da conduta LGBT às exigências de uma vivência denominada cristã. Mas, pelos argumentos acima ficou clara que não é essa a nossa opinião. Sem apresentar uma palavra final sobre o assunto, este artigo teve por objetivo: a) suscitar, por parte dos membros e dirigentes das comunidades cristãs, a possibilidade de realizar uma *epoqué* para não só ouvir as vozes que nos interpelam pelo caminho, como repensar qual é a essência da santidade e da vivência da boa nova cristã; b) evitar que não sejamos hipócritas como os escribas e fariseus citados por Jesus, que nem entram na dinâmica do Reino de Deus e nem abrem as portas para aqueles que dela querem participar (Cf. Mt 23, 23).

Bibliografia

AGAMBEN, Giorgio. *Altíssima pobreza: regras monásticas e formas de vida*. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2014.

_____. *O tempo que resta: um comentário à Carta aos Romanos*. Tradução Davi Pessoa e Cláudio Oliveira. Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro: Autêntica, 2016.

ARISTÓTELES. *Metafísica*, 1019b, 9-10. V. II. Texto grego com tradução ao lado. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2002.

EVERTS, J.M. Conversão e Vocação de Paulo. In: *Dicionário de Paulo e Suas Cartas*. São Paulo: Edições Loyola, 2008, p. 260-270.

HUSSERL, Edmund. *A crise da humanidade européia e a filosofia*. EDIPUCRS: Porto Alegre – RS, 2002.

PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html> Acesso em : 12.04.2018.

RAMOS, José Augusto, Paulo de Tarso: a conversão como acto hermenêutico. In: *Humanitas Supplementum*. Paulo de Tarso: grego e romano, judeu e cristão. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa, 1^a/ 2012

ROUTHIER, Gilles; VIAU, Marcel. *Précis de Théologie Pratique*. Deuxième Édition augmentée. Lumen Vitae: Bruxelles; Novalis: Montréal; L'Atelier: Ivry-sur-Sene, 2007.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a Cegueira*. 21^a ed. Porto: Porto Editora, 2014. Formato e-book.

Artigos, Revistas e Periódicos

MIRANDA, França. Evangelizar ou Humanizar? *Revista Eclesiástica Brasileira*, ano 74, n. 295, jul./set de 2014, p. 519

SELVATICI, Mônica. O Martírio de Estêvão e a comunidade cristã de Jerusalém: a questão da memória no relato historiográfico de Atos dos Apóstolos. *Oracula*, São Bernardo do Campo, v 2, n, 3, 2006.

Recebido em: 29/04/2018

Aprovado em: 26/06/2018